

# A REALIDADE BRASILEIRA EM SUA DIMENSÃO SOCIOLÓGICA

PE. FERNANDO BASTOS DE ÁVILA S. J.

*Assistimos hoje no Brasil a uma "tomada de consciência" das massas. Como na Europa do início da idade moderna, o homem aqui começa a sentir que êle é que faz a história. E prepara-se para optar. Não pela volta a um capitalismo ultrapassado, no qual a hegemonia do capital suprime de fato a liberdade dos economicamente mais fracos. Não mesmo por essas formas neocapitalistas em que se dão mais vantagens ao trabalho mas se conserva as decisões fundamentais nas mãos do capital. Nem tampouco pelas soluções socialistas, que acabam levando a um govêrno totalitário, com tôdas as decisões assumidas pelo Estado onipotente. A opção que parece impor-se aos povos menos desenvolvidos, como o nosso, é a que conduz a uma organização comunitária em que todos os fatores: trabalho, capital, Estado, colaboram livremente na orientação do processo econômico global.*

## *O Brasil diante de suas alternativas históricas*

O FENÔMENO mais característico da atual dinâmica social brasileira é, a nosso ver, a conscientização das massas; e o problema mais empolgante de um tal momento histórico é discernir as opções concretas que poderão decidir da orientação desta dinâmica, dentre os esquemas possíveis que a ela se oferecem.

Creemos que se passa hoje com o povo brasileiro o que se passou na Europa no sólio da idade moderna: o homem descobriu que êle faz a história, que é sujeito, agente da história. Foi então na Europa e é hoje no Brasil a própria aceleração dos processos sociais que permitiu esta descoberta. Concretamente ela significou a liquidação de uma concepção estática do cosmos e da ordem social, e a sua substituição por uma visão dinâmica de um mundo em transformação da qual o homem é o demiurgo privilegiado. O mundo social não se lhe afigura mais como uma ordem imutável de estratificações superpostas e intransponíveis. Aparece-lhe como uma marcha para uma ordem sempre nova e sempre renovada da qual êle é o agente e o responsável. Uma atitude de fatalismo cede o lugar a uma atitude de esperança.

Se é êste o momento preciso da dinâmica social brasileira, quais as alternativas históricas que se lhe apresentam, segundo as quais procura moldar a sociedade do futuro próximo?

Ninguém duvida mais que a superação da crise que nos aflige não pode ser procurada na linha de uma volta ao capitalismo. Êste, com suas concepções filosóficas individualistas, com seu liberalismo sócio-político, e com seu sistema econômico de falsa concorrência e de absoluta liberdade hostil a qualquer intervenção do poder público, não só não resolveu nada, como pode justamente ser responsabilizado pelas grandes questões sociais contemporâneas. Pela hegemonia absoluta que atribuía ao capital no processo econômico engendrou a questão social em termos de tensões de classes em torno da propriedade privada; pela sua perspectiva quase exclusivamente centrista nos interesses das metrópoles, em sua expansão colonizadora, criou a questão social total de tensões de povos desenvolvidos e subdesenvolvidos em torno das disponibilidades do planêta. Em vez de promover uma integração crescente das regiões coloniais no seu próprio circuito econômico, determinou uma diferenciação da economia mundial em centros econômicos autônomos e periféricos de economia reflexa. O capitalismo está liquidado, e só um romantismo nostálgico pode ainda sonhar com a volta a suas formas puras.

Excluída esta hipótese de um regresso historicamente impossível, quais as alternativas que se apresentam hoje a um país como o Brasil, em vias de desenvolvimento, e em processo rápido de conscientização coletiva e conseqüentemente de capacidade crescente de opção histórica, como povo?

Cremos podê-las resumir em três têrmos, teóricamente definíveis cada um dêles de modo unívoco, mesmo se concretamente cada um dêles assume formas variantes, mais ou menos avançadas: neocapitalismo, solidarismo cristão e socialismo.

O *neocapitalismo* compreende todos os sistemas sócio-econômicos que atribuem vantagens crescentes ao trabalho, a ponto de lhe oferecer condições dignas de vida, possibilidades concretas de realizar suas justas aspirações humanas. Entretanto, confere ainda, no processo econômico, a decisão suprema, a última instância, ao capital, porque êste continua a deter a propriedade dos meios de produção. Por isso mesmo é uma forma de capitalismo, mas uma forma renovada, que aceita as exigências do trabalho, como condição de sua própria subsistência.

O *solidarismo cristão*, que podemos chamar também comunitarismo ou simplesmente democracia social, compreende todos os sistemas sócio-econômicos nos quais as decisões e a propriedade são atribuídas, não ao capital exclusivamente, mas à *comunidade de trabalho*. A comunidade é a proprietária, não o capital, nem o Estado. As decisões são tomadas, a todos os níveis, por órgãos democraticamente representativos da comunidade. O comunitarismo é a realização da organização profissional, no plano da empresa, da profissão e do trabalho, ou do processo econômico global. O comunitarismo é a única forma autêntica da democracia econômica e social.

O *socialismo* compreende todos os sistemas econômicos que atribuem a propriedade e as decisões ao *Estado*. Tomamos pois aqui socialismo num sentido absolutamente rigoroso. Para êle, a razão de ser da pessoa é o Estado, o qual tem o direito de exigir das pessoas a alienação de suas liberdades para a realização do Estado como tal. O socialismo assume formas concretas mais ou menos atenuadas na medida em que deixa maior ou menor margem à propriedade

privada de bens não produtivos, e à iniciativa privada. Sua forma extrema é evidentemente o comunismo coletivista.

Tôdas as três alternativas até agora assinaladas têm um caráter reformista, com relação ao capitalismo. Porém o neocapitalismo se contenta com um reformismo meramente revisionista, no sentido de manter as estruturas de base na empresa como em tôdas as relações de trabalho, revendo-as entretanto, para adaptá-las às novas exigências de um operariado culturalmente cada vez mais maduro.

O solidarismo e o socialismo não se contentam com um reformismo revisionista, mas reclamam um reformismo radical, que atinja as próprias estruturas de base. A distinção contudo entre estas duas formas de radicalismo é profunda e nítida. O solidarismo visa a reforma, atribuindo competências a órgãos representativos econômico-sociais. Êle institucionaliza e disciplina democraticamente o exercício da iniciativa privada dos indivíduos e dos grupos profissionais.

O socialismo visa a reforma atribuindo competências a órgãos políticos que concentram tôda a autoridade, e que podem manipular os indivíduos e os grupos como peças de um conjunto. O socialismo é essencialmente um sistema totalitário. O solidarismo é um sistema que leva a democracia a suas últimas conseqüências. O socialismo através de uma bem orquestrada propaganda pôde apresentar-se como democracia exclusivamente utilizando os erros e as deficiências do capitalismo. Êste se apresentara como o paladino das liberdades. De fato contentou-se com dar aos homens, a grande maioria dos homens, uma liberdade meramente jurídica. Não lhes deu as possibilidades concretas de exercício destas liberdades. Garantia teòricamente a liberdade de movimentos, mas não se interessou por milhões de homens que, esmagados por mecanismos salariais iníquos, viveram tôda a vida chumbados ao solo atrelados à máquina. O socialismo se apresenta como sistema capaz de criar estruturas e infra-estruturas econômicas que permitam a realização concreta de direitos e de liberdades teóricas. Por isto se denomina democracia popular. Entretanto, silencia sempre que êste silêncio é taticamente indicado, silencia o fato de realizar estas liberdades pela alienação das liberdades de todos nas mãos de um Estado onipotente, o que é a negação mesma de democracia. Ê im-

portante ter bem claros os riscos desta opção alienatória que vem seduzindo entre nós tantos incautos. Em primeiro lugar, esta opção funda suas esperanças no que poderíamos chamar de romantismo político. Supõe que êste Estado seja uma entidade transcendente, onisciente, ímpoluta e incontaminável. Esquece-se que o Estado enquanto institucionalização do poder é feito de indivíduos plasmados com a mesma argila que todos nós. Frágeis como tôdas as tentações de vaidade, da ambição, do poder, do lucro, das vantagens pessoais. E uma vez alienada a liberdade é fácil a êste Estado montar sua máquina militar e policial para agir impunemente. No fundo, a sedução do socialismo tem sua raiz no medo de aceitar a democracia até as suas últimas conseqüências, até ao plano social e econômico. Em segundo lugar, a opção alienatória priva um povo da possibilidade suprema de evitar que o Estado cometa um êrro fatal. É certo que o povo russo do tempo de STALIN detestava os processos stalinianos do pânico pela violência. É certo que STALIN, na opinião autorizada de NIKITA KRUSCHEV, foi um traidor do ideal comunista. Entretanto o povo russo, porque alienara sua liberdade, não dispunha de meio algum para impedir o êrro fatal que STALIN cometia. É certo que o povo russo de hoje não quer a guerra, mas se KRUSCHEV conduz as relações internacionais de maneira que venha a guerra, o povo russo não tem mecanismo algum para deter o Estado-NIKITA neste êrro fatal. É possível que o povo cubano deseje as reformas castristas, mas que já sinta horror pelo *paredón*. Porém, como alienou sua liberdade, não tem mais possibilidade de impor esta sua vontade.

À base das explicitações até aqui elaboradas, podemos já assumir certas posições e dissipar equívocos.

Muitos católicos reformistas, isto é, homens lúcidos e autênticos se dizem partidários do socialismo; outros, mais sensíveis a matizes conceituais, preferem falar em socialismo moderado. O fato está criando uma tensão penosa entre católicos convencidos da urgência de reformas de base, está mantendo um clima de confusão e de equívocos. Porque todos sabem que a Igreja condena o socialismo e muitos sabem que a Igreja condena o socialismo moderado, em texto explícito da *Quadragesimo Anno*, repetido pela *Mater et*

*Magistra.* De onde vem a confusão? Quando a Igreja condena o socialismo, mesmo moderado, ela está entendendo falar de socialismo no sentido rigoroso do termo acima descrito. Refere-se a tôdas as formas de socialismo mesmo as mais moderadas que têm como denominador comum o Estatismo. Por outro lado, muitos dos católicos, cremos mesmo a grande maioria daqueles que defendem um socialismo moderado, entendem pelo termo formas reformistas que vão desde as formas neocapitalistas até as formas do solidarismo inclusive, com exclusão porém do socialismo no sentido estrito do termo. O socialismo dêstes católicos não é condenável, nem é condenado pela Igreja simplesmente porque não é socialismo. É indispensável entretanto que tais católicos repudiem o nome de socialismo moderado. Não é interessante para nós manter o equívoco, na eventual esperança demagógica de captar para o campo cristão fôrças não bem definidas dos arraiais socialistas. Nós temos uma mensagem, o solidarismo, o comunitarismo ou a democracia econômica e social. Tenhamos a coragem de apresentá-la em sua pureza, sem aceitar contaminações demagógicas. É illusória a esperança de aceitar aliados que concordam conosco quanto à necessidade de superar o capitalismo, mas que entendem esta superação no sentido de um estatismo totalitário. Faríamos juntos um trecho do caminho, mas quando se tratasse da luta pela liderança na opção decisiva entre o estatismo e a democracia total, perderíamos fatalmente a partida. Isto pela simples razão que não lutaríamos com armas iguais. Nossa consciência democrática não admitiria o recurso à fraude, à violência, à difamação, enfim a processos não democráticos, ante os quais não haveriam de recuar aquêles que professam a filosofia dos fins justificando os meios.

Não cremos que as formas neocapitalistas sejam condenáveis, nem intrinsecamente más. Em determinadas conjunturas históricas de alguns países, cremos mesmo que elas constituíram uma solução. Temos porém a convicção que para países em vias de desenvolvimento como o Brasil, ela não tem possibilidades concretas de se impor. Nossa convicção se baseia nas seguintes razões:

primeira: o neocapitalismo só pôde se impor como uma evolução das formas avançadas do capitalismo. Ora, não se

pode afirmar que o sistema sócio-econômico brasileiro tenha chegado à maturação do capitalismo;

segunda: o capitalismo, como se realizou entre nós, e o capitalismo dos países desenvolvidos que nos rejeitou a uma condição de economia reflexa, com todos os inconvenientes que esta nos acarretou, foram os responsáveis por uma situação de injustiça social que lança o descrédito de uma suspeita invencível sôbre qualquer reforma de caráter meramente revisionista tendente, em última análise, à preservação das estruturas básicas do capitalismo;

terceira: o clima psico-social reinante entre nós é o de uma exigência de radicalismo, isto é, de atingir o mal pela raiz. Só reformas radicais, que aliás não implicam na necessidade da violência, têm, a nosso ver, probabilidade histórica de aglutinar e orientar o dinamismo ainda disperso de nosso organismo social.

Chegamos assim à conclusão de nossas reflexões: o solidarismo, a verdadeira democracia econômica e social, é a única opção realista capaz de nos preservar da sedução do socialismo.

Note-se que o solidarismo não exclui a intervenção do Estado. Sua concepção das funções do Estado não se identifica com a concepção capitalista, como não se identifica tão pouco com a visão socialista. Para êle, o Estado é o responsável pelo bem comum. Pode tudo aquilo e só aquilo que é exigido por êste bem. Cabe-lhe assim criar condições, planejar, intervir, de maneira que os indivíduos e os grupos comunitários possam desdobrar tôdas as suas virtualidades, tôda sua potencialidade criadora, e realizar suas justas aspirações. O Estado só não pode substituir-se a pensar e constituir-se o seu fim supremo e sua razão de ser. Será possível que a humanidade de hoje não acabe de se dar conta que, atrás de uma foice e de um martelo exatamente como atrás de um fascio ou de uma cruz gamada, se esconde o mesmo monstro absurdo e voraz chamado leviatã?